POLICARPO QUARESMA E O ROMANTISMO ANTICAPITALISTA*

*Valdeci Rezende Borges***

Resumo:
Este texto se propõe refletir sobre a visão de mundo romântica que permeia a constituição do personagem Policarpo Quaresma de Lima Barreto, a qual caminha na contramão da modernidade por ser uma oposição ao avanço capitalista.

Abstract
The aim of this paper is to reflect about the romantic view of the world that surrounds the constitution of Lima Barreto's Policarpo Quaresma, which goes against the modernity for being an opposition to the capitalist advance.

Por meio dos artefatos culturais, suportes da memória escrita de nossa sociedade, que são os livros, em geral, e de literatura, em específico, com sua configuração poética do real, buscaremos refletir sobre a visão de mundo romântica expressa em idéias e atitudes que perpassam a constituição do personagem central da obra *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto(1984), procurando estabelecer um diálogo intertextual entre esta e o contexto ao qual se refere.

O Romantismo, não raro, tem sido tratado apenas como um movimento artístico, que possui suas origens na decepção com as promessas não realizadas das revoluções que marcaram o advento do período contemporâneo: a Revolução Industrial e a Francesa (Merquior,1979:49-56). Mas, seguindo as reflexões de M. Löwy e R. Sayre(1993:18-9), esse fenômeno cultural deve ser compreendido como uma "visão de mundo histórica", que expressa resposta a transformações mais lentas, profundas e amplas ligadas ao próprio advento do capitalismo. Logo, existem "elementos românticos" anteriores às ditas revoluções, embora só a partir de meados do século XVIII haja manifestações de maior importância e um "verdadeiro romantismo", assim

---

*As re flexões contidas neste texto foram apresentadas, primeiramente, no XX Simpósio Nacional da ANPUH _ "História: Fronteiras", em julho de 1999, em Florianópolis, e na VI Semana de História _ "História e Memória" na Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Catalão em setembro do mesmo ano.

**Professor do curso de História da UFG-Campus de Catalão,membro do NIESC, Doutorando em História pela PUC-SP.

como outras podem ser percebidas após a época em que o movimento artístico romântico predominou.

Ao entender o Romantismo como uma visão de mundo, da qual emerge uma reação contra as condições de vida e a cultura na sociedade capitalista, esse se estende ao próprio capitalismo, não se limitando apenas à fase subseqüente às revoluções e nem mesmo à literatura , à arte e ao período histórico em que os movimentos artísticos ditos românticos se desenvolveram.(Lowy & Sayre, 1993: 19-20)

Essa visão de mundo é marcada pela diversidade de aspectos constituintes, às vezes, contraditórios, mas possui em comum a *oposição ao capitalismo.* Embora multifacetada, advinda de bases e posições sociais variadas, assinalada por posturas políticas diversas, apresenta uma série de temas articulados, que expressam atitude crítica à realidade imediata da modernidade. É reação de hostilidade e revolta ao real histórico presente atravessado pela experiência de perda do que existia, recusando e denunciando o capitalismo em suas características constitutivas, vistas e sentidas com desencanto, desilusão e melancolia. Dentre elas, a miséria, o declínio do homem público e seu isolamento, a coisificação e o egoísmo dos indivíduos, as ações e influências imperialistas sobre os povos e suas culturas, a alienação e a perda dos valores humanos qualitativos, como a moral, a espiritude e os sentimentos elevados, em detrimento do privilégio da razão e dos valores quantitativos, utilitaristas e de troca.(Lowy & Sayre,1993:12,20-6).

Para além disso, os românticos possuem nostalgia pelo que foi perdido e que existia num passado pré-capitalista ou em que o capitalismo era menos desenvolvido. Buscam, por isso, reencantar o mundo pela imaginação e pela ficção, que idealizam o passado e/ou sonhando com um futuro diferente. Essa procura pode ser também empreendida tanto por meio da recriação do paraíso perdido no presente, via fantasia e poetização, como ainda fugindo para fora da realidade imediata e opressora, deslocando no espaço para lugares distantes não afetados e corrompidos pelo capitalismo. (Lowy & Sayre, 1993:22-5)

Desta maneira, muitos românticos exaltam as manifestações culturais populares e o viver próximo da natureza, não contagiado pelos hábitos urbanos e burgueses, condenando a cultura capitalista considerada como tirânica e repressiva. O tipo de vida peculiar buscado é o do povo, dos camponeses e indígenas _ "bons selvagens". A visão do povo como comunitário e orgânico funciona no imaginário romântico como possibilidade de encontrar a origem na busca do que foi perdido e tem como finalidade resgatar a tradição, o passado contra o avanço da modernidade(Chaui, 1986: 17-8), pautada na visão de mundo iluminista, na qual a razão deve governar a vida dos homens e controlar suas emoções.

Eles pretendem reformar a sociedade vista como caótica, decadente,

corrompida e desfigurada e esperam que a afirmação da alma e do espírito popular, do sentimento, imaginação, simplicidade e pureza populares quebrem o racionalismo e o utilitarismo das Luzes. Contra o progresso capitalista, valorizam o passado, a língua original de um povo, seus costumes, suas formas de expressão e manifestação como festas, rituais, cantigas, religiosidade... seus sentimentos e emoções, como pureza, sensibilidade, institividade, ingenuidade, simplicidade, solidariedade, comunitarismo... Traços vistos como uma totalidade orgânica indispensável para a afirmação da identidade de uma nação, sobretudo, frente às ações imperialistas, que contaminam e desvirtuam as culturas nacionais, concebidas e representadas como devendo ser autênticas e originais.(Chaui, 1986:18-20)

É nesse quadro geral de idéias e posturas que se insere o personagem Policarpo Quaresma, criado por Lima Barreto. Para esse autor, a arte é um fenômeno social, o que o levou a produzir uma literatura engajada e militante, com linguagem comum e descuidada, em estilo leve, fluente, comunicativa, de fácil aceso ao público receptor, nem sempre leitor, pois era elevado o índice de analfabetismo. Expressão que, aproximando-se da linguagem jornalística, rompia os padrões de escritura vigentes e desprezava a "coelhonetização" marcada pelo formalismo exacerbado, a linguagem aparatosa, a retórica, o helenismo, o beletrismo e as aspirações burguesas, comuns, em grande parte, da literatura do momento. Linguagem barreteana adequada à imprensa, que, em 1911, publicou *Triste Fim...* em folhetim, no *Jornal do Comércio,* entre 11 de agosto e 19 de novembro, tratando de fatos da última década dos oitocentos.

Na literatura de Lima Barreto, é difícil delimitar as fronteiras entre a ficção e a realidade, pois voltada para expressar uma preocupação com "o verdadeiro Brasil", com o registro e a preservação de acontecimentos, a reforma social do país, a questão da nacionalidade e da construção da cidadania... Esse escritor, inconformado com a realidade, por meio do exercício intelectual, manifestou uma atitude política, crítica e combatente, de participação social, provocando e desafiando o estabelecido, configurando-se num "escritor-cidadão", no dizer de N. Sevcenko(1983). Lima, em *Triste Fim...*, criticou o romantismo ingênuo expressando sentidos sobre a nação inseridos no debate de seu tempo sobre o tema, os quais buscam construir uma identidade social, um sentimento de pertencimento a um sistema simbólico específico, e dialogou com as propostas ruralistas(Mendonça, 1998, *apud* Matos,1999: 291-5), em discussão por essa época.

O major Quaresma, vivendo no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX , caminhava na contramão da modernidade, ao ver o mundo ao seu redor e suas mudanças de forma desencantada. Sua postura, anticapitalista e anticosmopolista, insere no contexto de transformações da sociedade, atreladas ao desenvolvimento do capitalismo mundial. Policarpo

posiciona contra seus efeitos e repercussões, tais como: a invasão do mercado interno pelos produtos industriais ingleses e franceses; o grande crescimento populacional da cidade e a proliferação de submoradias; o estabelecimento da ditadura florianista; a dissolução e a remodelação dos modos de vida tradicionais, afetando ou deslocando as identidades culturais citadinas.

O Rio transformava-se no maior centro cosmopolita do país, alinhando-se com os padrões culturais e econômicos da sociedade européia e seus ritmos. Nesse contexto, encontramos Policarpo, envolto pela temática do nacionalismo e do patriotismo contrapondo-se ao ideário e às práticas europeizantes, às quais as classes médias e altas aderiam-se de forma crescente. A preocupação nacionalista é tema central do livro e um dos aspectos predominantes da reflexão romântica. Stuart Hall, abordando a questão das culturas nacionais, diz que, no mundo moderno, estas constituem em fontes de identidade cultural, sendo formadas no interior de sistemas simbólicos e de representações, como discursos e imagens, que tecem narrativas da nação, dando ênfase a suas origens, seus mitos fundacionais, à idéia de um povo ou *folk* puro e original, assim como de suas tradições, as quais, algumas vezes, são invenções recentes.(Hall, 1997:51-60)

Desta forma, o personagem Policarpo Quaresma possui inúmeros caracteres que, combinados, compõem um estado de espírito, de temperamento e práticas identificados com o romantismo, e sua trajetória está permeada por idéias e atitudes atreladas à visão de mundo que lhe é correspondente. Ele pertence a uma comunidade nacional imaginária narrada por Barreto, sendo representado como nacionalista exaltado e ingênuo, que se julgava, a partir das suas reflexões patrióticas, com capacidade de lutar por reformas radicais na sociedade brasileira.

Em um universo social, no qual as camadas letradas, sobretudo, perseguem sua inserção num mundo de formas capitalistas mais avançadas, Quaresma foi caracterizado como homem de forte expressão subjetiva, a qual apresentava em constante conflito com a realidade exterior. Assim, vivendo "aquele ambiente falso" da cidade era triste, sem alegria, encerrado em si, desinteressado de dinheiro, de glória e posição, possuindo candura, pureza d´alma, ingenuidade e inocência própria das donzelas _ "de outras épocas". Era tenaz e eterno sonhador, que se punha a seguir suas idéias de reformas para emancipação política e cultural da pátria, por uma vida feliz e abundante, pelo enriquecimento do país, o progresso da lavoura e o bem-estar de sua população.(Barreto, 1984: 26,38-8,89,104)

Policarpo resistiu aos costumes burgueses disseminados na sociedade, os quais criticava, como àquela "obrigação que incrustam no espírito das meninas, que elas se devem casar a todo custo, fazendo do casamento o pólo e fim da vida, a ponto de parecer uma desonra, uma injúria ficar solteira", estando condenada "a ser tia" e a "ficar maldita, rebaixada diante de todas"

as outras moças. Para além disso, remete a um tempo passado e perdido, ao julgar que "o casamento já não é mais amor, não é maternidade (...): é simplesmente (...) uma coisa vazia, sem fundamento nem na nossa natureza nem nas nossas necessidades" ao ser realizado somente em nome de interesses outros que não o sentimento puro e o afeto. (Barreto, 1984: 36,90)

No sentido de lutar contra as mudanças impostas pelo processo de europeização da sociedade, que incorporava valores e práticas do mundo moderno, os quais julgava desagregadores da ordem presente, Policarpo exaltou vários produtos da terra, que, a seu ver, expressavam nossa autenticidade e pureza. Debateu-se para não deixar "morrer as nossas tradições, os usos genuinamente nacionais..." Assim, frente à preferência burguesa pelo piano e pela música clássica dos mestres estrangeiros, bateu-se contra o vigente "preconceito" e a "desclassificação" do violão e da modinha, pois os via como expressões poético-musicais genuínas, "características da alma nacional".(Barreto, 1984:6,9)

Devido a seu gosto pela pátria, simbolizando grupos de nossa intelectualidade, procurou adquirir um "conhecimento inteiro do Brasil", lendo sobre suas riquezas naturais, sua história e geografia, além de obras literárias de autores unicamente nacionais ou tidos como tais, num momento em que, para alguns, "nossos literatos eram tolos e viviam absorvidos em coisas francesas". Frente ao anseio geral dos cariocas endinheirados de viajar à Europa, colocava o seu desejo de percorrer nossa terra. No seu dizer, seus concidadãos não queriam "nada da nossa terra...", só coisas estrangeiras, dentre elas, plantas de jardim, alimentos, panos, calçados, bebidas e outros produtos oriundos da expansão dos impérios industriais, o que o levava, em oposição, a exaltar "os produtos nacionais", aos quais recorria.(Barreto, 1984:6-10,36)

Para contrapor-se aos costumes e usos europeizados que se generalizavam, lembrava-se das "coisas antigas", carregadas de "originalidade" e defendia a adesão ao modo de vida de nossos silvícolas. Segundo ele, "entre nós tudo é inconsistente, provisório, não dura", não havendo "nada que lembrasse esse passado". Nesse sentido, julgava que se tornava "preciso reagir, desenvolver o culto das tradições, mantê-las sempre vivazes nas memórias e nos costumes." Assim, entrou a organizar um sistema original de cerimônias, festas, cantigas e hábitos, que abrangesse todos os momentos e ocasiões prescritos pelas relações sociais, baseado na vida dos selvagens. Ressaltou as maneiras populares dos velhos tempos, "dos caboclos", "que o povo não guardava", como os sentimentos e ações de "valentia", "hospitalidade", "inteligência" e "doçura". Desta forma, cultivou contos e canções populares do Brasil, estudou os costumes tupinambás, passando a incorporar, em seu comportamento, as formas de expressão daqueles, como o hábito de chorar e berrar ao receber visitas, em vez de apertar a mão. Tudo isso inserido num progra-

ma voltado para "uma reforma, a emancipação de um povo".(Barreto, 1984:11-8)

Ainda no intuito de definir a identidade nacional frente à internacionalização da cultura que se acreditava genuinamente brasileira, preocupou-se com nossa constituição lingüística, requerendo ao Congresso Nacional decretar o tupi-guarani como nossa língua oficial e pátria. Para ele, a língua era "a mais alta manifestação da inteligência de um povo, (...) a sua criação mais viva e original"; portanto, "a emancipação do país" requeria, como complemento e conseqüência, a sua emancipação idiomática. Nesse sentido, a língua portuguesa era vista como "emprestada ao Brasil" e o tupi-guarani "língua originalíssima", além de não contaminada por galicismos, anglicismos e italianismos, que via invadir o português como: *biscuit*, *matinée*, *toilette*, *whist*, *cloun*, *bene*... (Barreto, 1984:25-6)

Assim, Quaresma foi expressando seu desconforto para com a realidade que, no presente, se configurava, o que o levou a ser declarado como louco e internado num hospício, a última novidade institucional advinda da Europa, vista como meio, por excelência, para o trato daqueles considerados como doentes mentais. Invenção que foi amplamente usada para enclausurar diversos desviantes da ordem social, mesmo que não doentes, mas considerados como sofredores de uma "inexplicável fuga do espírito daquilo que se supõe o real, para se apossar e viver das aparências das coisas ou de aparências das mesmas". Sua loucura e internamento naquela "casa imensa, severa e grave, meio hospital, meio prisão", representam o descompasso da visão de mundo que trazia em si e que norteava suas atitudes, com aquela dominante na sociedade permeada pelas práticas, valores e interesses burgueses. O destoante, com seus "atos imprevistos", "extravagâncias", "pequenas manias" podia logo ser declarado insano, cabendo ser recolhido no edifício da "Praia das Saudades", uma espécie de "sepultura em vida", onde enterrava o "espírito" e a "razão condutora".(Barreto, 1984:31-3)

Ainda, apontando seu romantismo, Policarpo, depois de sair do "repouso" na casa de saúde, apresentava-se mais "triste" do que sempre fora e, para levantar o ânimo, deixou aquele mundo hostil da cidade transportando-se para um lugar "ermo", no intuito de viver próximo da natureza na busca do que perdera. Ao recolher-se no campo em um sítio, não aleatoriamente denominado de "Sossego," passou a morar numa "risonha casa de roça, onde se dedicava a modestas culturas", ansiando por uma vida tranqüila na qual pudesse "tirar da terra o alimento, a alegria e a fortuna".(Barreto, 1984:38-9)

A vida agrícola, imaginada como "simples", "feliz, farta, livre, alegre e saudável", em contato com a "terra abençoada", era vista por ele como o reverso daquela urbana, vivida em "casas apertadas", denominadas de "caixotins humanos", respirando "um ambiente epidêmico", sustentando-se

com "maus alimentos" e trabalhando como empregado público, apodrecendo numa banca, sem independência, alienado e coisificado enfim . Assim, "Depois de ter sofrido a miséria da cidade e o emasculamento da repartição pública, durante tanto tempo", acreditava que encontrara "a doce vida campestre..." em que a terra era "sempre mãe". Além disso, via "naquela população" do interior "a existência de um resíduo da nossa nacionalidade a resistir às invasões das modas e gostos estrangeiros".(Barreto, 1984:39,40, 52, 60)

Nesse sentido, de oposição às formas culturais da sociedade moderna, que se auto-representa como letrada, racional e científica, encontramos, ao redor do caminho de Policarpo, a figura da "rezadeira", apropriada ao passado. Inserida numa cultura não letrada, possuindo um conhecimento e saber baseado na experiência cotidiana, fruto de uma vivência em contato com a natureza, Sinhá Chica, "uma velha cafuza", domina práticas curativas próprias do mundo tradicional, as quais "a faziam estimada e respeitável". Sabia das rezas e conhecia "os efeitos das ervas medicinais", de toda uma "drogaria que crescia pelos campos, pelas capoeiras, e pelos troncos de árvores". Essa "rival" da "medicina regular e oficial", a quem "um arsenal de leis (...) vedava o exercício", ainda atendia, no interior do país, "às necessidades mentais e econômicas da população", coexistindo com a presença do doutor "requerida pelos mais cultos e ricos".(Barreto, 1984:94-5)

Ao travar "conhecimento com a doce vida campestre" o romântico Policarpo pensou que "o que era principal à grandeza da pátria estremecida , era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher", inserindo-se, desta forma, no debate instituído na sociedade acerca do mundo rural brasileiro, voltado para o estabelecimento de um projeto de reabilitação da vocação agrícola do país. Entusiasmado pelas "coisas da roça" e da tradição que valorizava, chegou a ver os símbolos da modernidade, o trem, o vapor e as estações ferroviárias como invenções "brutas" e "feias", que se afastavam da linha imaginária de beleza legada pelos antepassados.(Barreto, 1984:40-4)

Quaresma era apologista da natureza e, nesse sentido, maravilhava-se com as cachoeiras, as árvores, os pássaros, as flores, a "profusão de luz e os ares (...) doces"..., com o "extraordinário" de nossa terra, fazendo elogio das riquezas e opulências do país, de sua "terra abençoada", "seu solo ubérrimo" e da "indústria agrícola".(Barreto, 1984:39,40,52,57) Ao ressaltar essa forma específica de indústria, Policarpo planejou sua vida agrícola em diálogo com diferentes interesses, ações, discursos e práticas ruralistas da época que desembocaram na fundação da Sociedade Nacional de Agricultura, a qual propunha medidas para a regeneração agrícola do país, dentre elas a modernização e a mecanização do campo, com a difusão da agricultura científica, a educação do trabalhador rural para nela operar, a diversificação de plantios e a pequena propriedade.(Mendonça, 1998, *apud* Matos, 1999:292)

Desta forma, Quaresma, primeiramente, baseado no que vinha "estabelecido nos boletins da Associação de Agricultura Nacional" fez projetos para em seu sítio "plantar, criar, cultivar o milho, o feijão, a batata-inglesa...", frutas e outros legumes e grãos, para que, a partir "do seu exemplo, nascesse mil outros cultivadores" e tornasse possível "dispensar os argentinos e europeus". Assim, afastava da prática dos "grandes" proprietários, empresários agro-capitalistas, que só "metiam-se no café que tinha todas as proteções..."(Barreto, 1984:39,62)

Para além disso, acreditando nessas "Histórias..." comprou termômetros, barômetros e outros instrumentos "para auxiliar os trabalhos da lavoura", embora "resistia" a empregar máquinas e adubos, "tudo americano", pois eram "inovações (...) que lhe pareciam artificiais", mesmo que dessem "o rendimento efetivo de vinte homens" de acordo com os catálogos de propaganda. No entanto, em pouco tempo os deixou de lado, visto que "dera-se mal com eles. Fosse inexperiência e ignorância das bases teóricas deles, fosse porque fosse (...) toda a previsão que (...) fazia, (...) saía errada". Assim, foram "abandonados" e deixados a enferrujar pelos cantos do sítio, o mesmo acontecendo, mais tarde, com as "máquinas agrícolas", que tratou de comprar, mas "que não haviam ainda servido". "Quaresma representava", assim, "desprezo pela ciência" e pelas novas mercadorias oriundas do avanço tecnológico daquela advindos.(Barreto, 1984:40,56,59,62,64,96)

De resto, em contato com a realidade, o major foi conhecendo melhor "a situação geral que o cercava", fazendo sua avaliação das condições do país, marcado por problemas agrários como uma "miséria da população campestre que nunca suspeitara" e "aquele abandono de terras à improdutividade..." Essa "miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre", contrariava a idéia de roceiros "felizes, saudáveis e alegres". A falta de terra própria para trabalhar, de ferramentas e de apoio do Governo eram as causas apontadas pela população rural para a situação. Porém, essa política de "*self-help* do Governo" foi percebida como sendo "só para os nacionais" e pequenos trabalhadores, uma vez que existia "para os outros todos os auxílios e facilidades". Além disso, Policarpo viu também o oposto do que supunha e sonhava, ao observar que não existia :

> *naquela gente humilde sentimento de solidariedade, de apoio mútuo. Não se associavam para coisa alguma e viviam separados, isolados (...) sem sentir a necessidade de união para o trabalho da terra. (...) Mesmo o velho costume do 'moitirão' já se havia apagado.(Barreto, 1984:56-7,59)*

Se, por um lado, o Estado implementava uma política imigracionista pautada no argumento da escassez de mão-de-obra, para Quaresma "tal afirmação de falta de braços pareceu-lhe (...) de má fé ou estúpida, e estúpido ou de má fé era o Governo que os andava importando aos milhares, sem se

preocupar com os que já existiam". Se, por outro lado, os ruralistas na procura de fazer um diagnóstico da situação do campo identificaram uma crise, o major também o fez detectando outros problemas agrários além dos "latifúndios inúteis e improdutivos", como: as terríveis saúvas, que caíam em cima do trabalho realizado; o protecionismo governamental para uns e para outros as perseguições; as vinganças e as violências políticas; a carestia de fretes para transportar a produção; os impostos exorbitantes e rigorosos do Estado; o monopólio dos atravessadores no Rio; e a falta de condições gerais da população rural do interior, com sua "pobreza de vigor físico", vista como "indolência".(Barreto, 1984:59, 61-4)

Diante dessas barreiras, Policarpo considerou como "insignificante, pueril, infantil" a questão lingüística, o *folkore*, as modinhas e suas tentativas agrícolas, passando de uma postura ufanista à crítica. Sentiu que "era preciso trabalhos maiores, mais profundos", vislumbrando a necessidade erguer a agricultura abandonada, de reformar as leis agrárias, de "refazer a administração" pública com "um governo forte, respeitado, inteligente", capaz de remover "todos esses óbices", espalhando "sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz".(Barreto, 1984:64)

Assim, projetando um futuro diferente ao da atualidade que o circundava, pensou num grande destino para o Brasil, por meio do levantamento da vida agrícola. Nesse contexto, por ocasião da insurreição antiflorianista, Policarpo entusiasmou-se com Floriano e engajou-se no batalhão patriótico "Cruzeiro do Sul", para prestigiar o governo, combatendo os revoltosos da armada e acessar o presidente, com um memorial de "medidas necessárias para o levantamento da agricultura". Nele "mostravam-se todos os entraves, oriundos da grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas". No entanto, esse trabalho só lhe rendeu ser chamado de "visionário" pelo marechal de ferro.(Barreto, 1984:65,72,86)

Além disso, a tirania, "os secretas, `familiares´ do Santo Ofício Republicano", as delações e recompensas, as violências, as prisões, as mortes e os crimes que assinalaram as atividades do governo, ao chegarem ao ouvido de Quaresma, fizeram-no sofrer, sentindo ter "um espinho n'alma". Ensimesmado, perguntou-se que direito de vida e morte tinha o ditador sobre seus concidadãos, uma vez que não se interessava pela sorte deles, pelo enriquecimento do país, o progresso da lavoura e o bem-estar da população.(Barreto, 1984:67,88-9)

Em sua leitura crítica da sociedade brasileira, expôs a mediocridade daqueles que o cercavam e os interesses individuais que norteavam as ações dos dirigentes políticos, desde aqueles da esfera nacional até os locais. Apontou como usavam dos cargos públicos para realização de seus sonhos pessoais de poder e fortuna, não raro, nomeando pessoas, criando cargos e distri-

buindo empregos, ordenados, promoções e gratificações, dentre outras artimanhas.(Barreto, 1984:68-9)

Nesse contexto, de falta de comprometimento das autoridades públicas para com os problemas do país e de "atonia da nossa população" da roça, Policarpo foi perdendo sua ingenuidade, vendo ruir sua visão idealizada da realidade. Sua postura "não era mais confiante, entusiástica, traía desânimo, desalento, mesmo desespero". Percebeu ainda que as causas por que se lutavam na guerra e mostrou-se desiludido com a mesma. Pensou nas suas idéias e posturas, no seu sacrifício inútil em prol de "tolices políticas" quaisquer, inventadas pelas autoridades. Seu "sofrimento (...) era profundamente moral" e perguntava para si, onde, na terra, estava o verdadeiro sossego. "Convalesceu longamente, demoradamente e melancolicamente", pois "todo o sistema de idéias que o fizera meter-se na guerra civil se tinha desmoronado. (...) Sentia também que o seu pensamento motriz não residia em nenhuma das pessoas que encontrava. Todos tinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. (...) Era grande sua desilusão". Sofreu com as lembranças de ódios, sangueiras e ferocidade. "A sociedade e a vida pareceram-lhe coisas horrorosas", com " sua brutalidade e fealdade", afigurando uma "injunção irônica" ter-se "misturado em tão tenebrosos acontecimentos, assistindo ao sinistro alicerçar do regime..." (Barreto, 1984:96-7,99,100)

Por fim, diante das execuções sem julgamento e aleatórias dos prisioneiros da guerra pelo governo ditatorial, que ocorriam como forma de dar exemplo para que jamais o poder constituído fosse atacado, ou mesmo discutido, Quaresma escreveu uma carta veemente, com paixão e indignação ao presidente da jovem república, protestando contra a "carniçaria", que falava "fundo a todos os seus sentimentos" e seus princípios morais. Mas, como "o tempo estava de morte", fora preso ao ser considerado "traidor" e, no estreito calabouço no qual se encontrava, pensou consigo no que achara com todas as suas idéias e comportamentos, sendo "decepção" a resposta.(Barreto, 1984:101-2)

Ainda na prisão, indagou-se sobre as formas de expressão e ação de nosso povo, perguntando onde estava a "doçura" que acreditava possuir nossa gente a qual viu combater como feras e matar inúmeros prisioneiros. Concluiu que "Sua vida era uma decepção" e " A pátria que quisera ter era um *mito; (...)* um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete(...) Certamente era uma noção sem consistência racional e precisava ser revista", pois "quimera (...) um falaz ídolo...", uma vez que muitas vidas valiosas "se vinham oferecendo, sacrificando e as coisas ficaram na mesma, a terra na mesma miséria, na mesma opressão, na mesma tristeza". Assim, desvelava o sentido das construções discursivas sobre a nação ocultos sobre o manto de unidade e harmonia, isto é, sua dimensão de comunidade imaginada, de uma invenção

política que mascara a diversidade e as tensões sociais(Barreto, 1984:102)

Esse foi o triste fim de Policarpo Quaresma, que, "no intuito de contribuir para a (...) felicidade e prosperidade" da pátria, recebeu como condecoração a morte. Pagou com a própria vida seu sonho do bem-estar e da fortuna do povo brasileiro, de "épocas melhores, de ordem, de felicidade e elevação moral". Numa realidade de egoísmo, baixeza, violência, hipocrisia, interesses pessoais dirigindo tudo, mesquinharia, vingança, miséria, ódios... viu suas ilusões perderem-se frente a "uma série, melhor, um encadeamento de decepções". Esse mundo, não o cabia com os seus valores qualitativos e éticos, pois a moral moderna, é cada vez mais condicionada por interesses e conveniências sociais, econômicas e políticas. Ingenuidade, idealismo, bondade, generosidade, honestidade, ternura, solidariedade e sacrifício pelo bem social foram virtudes exiladas desse mundo, que não comporta mais sonhadores, gente com "candura de donzela romântica..."(Barreto, 1984:101-5)

Finalizando, podemos lembrar, por um lado, que as idéias de nacionalismo, um dos aspectos presentes na visão romântica de mundo, mas que por si só não a define, podem ser perigosas, pois inserem-se em campos de forças obscuros, permeados por complexos jogos de poder, intencionalidades variadas, prestando-se a manipulações diversas. Elas são recorrentes, sobretudo, nos regimes autoritários, nos quais há um deslizamento sucessivo do popular para o nacional, que incorpora o primeiro, como nas ditaduras varguista e dos anos 60-70. Identidade nacional e cultura popular, são questões que perpassam todos eles, assim como as idéias e as práticas específicas de intervenção no estabelecimento e na forma de lidar com esses bens simbólicos, tal como na invenção de uma tradição. Por outro lado, não devemos esquecer o quanto é desastroso pensar a cultura como estática e fechada, ao invés de concebê-la como dinâmica, plural, como um texto, inacabado, no qual, sempre, acrescentamos e/ou excluímos itens ao fazer uma leitura.

Por meio do romântico Policarpo Quaresma, Lima Barreto produziu uma narrativa sobre a nação em invenção, registrou um momento específico do debate em torno dessa questão com alguns de seus temas. Discussão que o antecedia e que perpassa os anos subseqüentes da história republicana, permanecendo em cena aberta, nos possibilitando conectar tais memórias do passado com o presente, no qual outras imagens são construídas quando as identidades nacionais e culturais, são deslocadas pelo avanço do processo de globalização, permeado pela problemática da exclusão e resistência cultural, da massificação, desenraizamento e desterritorialização.

Essa obra em seus registros, preserva representações e impressões sobre um momento importante de nossa história, não as deixando cair em esquecimento e perderem-se, constituindo numa forma de memorização e reflexão sobre os percalços da sociedade brasileira do momento. Deparamos com projetos para seu desenvolvimento, como os de perspectiva ruralista e

romântico, tal como ainda com o estabelecimento da ditadura florianista no alvorecer de nossa República. Na visão dos vencedores daquele momento, as manifestações populares e a tradição, tão de gosto dos românticos, deveriam ser afastadas da cena e o foram, até que outras leituras da sociedade, em conjunturas diversas, buscassem incorporá-las e aproximá-las, produzindo outros quadros com matizes próprias.

Referências Bibliográficas:

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma.* São Paulo: Moderna, 1984.

CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência.* São Paulo: Brasiliense, 1986.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LÖWY, M. & SAYRE, R. *Romantismo e Política.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

MENDONÇA, Sonia Regina. *O ruralismo brasileiro (1888-1931).* São Paulo: Hucitec, 1998.

MERQUIOR, J. Guilherme. *De Anchieta à Euclides.* Rio de Janeiro: J.Olympio, 1979.

MATOS, Maria I. S. de. "Para além das tensões campo e cidade: o ruralismo brasileiro". *Projeto História*, São Paulo: (19) nov.1999. p. 291-5.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão.* São Paulo: Brasiliense, 1983.